

REESTRUTURAÇÃO DA GESTÃO E FUNCIONAMENTO DO CURSO POPULAR MAFALDA: CONQUISTAS E NOVOS DESAFIOS

Autor: Matheus Colli Silva

Resumo: O Curso Popular Mafalda é uma instituição de ensino não-formal, de caráter popular e emancipatório, criado em 2011 como um movimento social que tem como um dos objetivos ampliar o acesso de estudantes da rede pública de ensino ao ensino superior, de preferência o público e gratuito. Localiza-se na zona leste do município de São Paulo e atende um público de mais de mil estudantes, oferecendo uma série de cursos gratuitos, sobretudo para estudantes oriundos da rede pública de ensino da comunidade regional. A instituição possui história e funcionamento bastante complexos, devido à grande procura dos estudantes, e ela hoje está passando por um processo de reestruturação importante na sua gestão. Este trabalho visa sintetizar essa reestruturação, apresentando a estrutura e gestão tradicional, bem como a nova proposta, apresentando os desafios, conquistas e perspectivas futuras de funcionamento, caracterizando-a dentro da lógica da educação popular nas cidades brasileiras.

Palavras-chave: curso preparatório, educação popular, emancipação.

1. Introdução

A educação popular bebe muito das ideias do educador Paulo Freire, no sentido de que ela têm caráter emancipatório, parte da participação popular e necessariamente envolve disputas de caráter político (FREIRE, 1986). Ela difere do ensino formal; está associada à educação não-formal, uma vez que está mais preocupada com a formação de um senso de coletividade e de aprendizagem de conteúdos escolares em ambientes diferenciados, ou com propostas diferenciadas (GADOTTI, 2005).

Dentro das mais variadas formas de se fazer educação popular, chama a atenção os cursinhos populares, sobretudo os cursinhos pré-universitários ou pré-vestibulares. Esses cursinhos geralmente não possuem fins lucrativos, sobrevivem, sobretudo, do trabalho voluntário da equipe docente, estão associados a uma série de instituições comunitárias ou universidades, e possuem como denominador comum a universalização do acesso ao ensino superior público, gratuito e de qualidade para uma população historicamente marginalizada socialmente (ZAGO, 2009). Esses cursinhos surgiram sobretudo na segunda metade do século XX, considerando também o crescente aumento da demanda de acesso à universidade, oriunda

da grande expansão do sistema de ensino básico realizada pelo poder público na época (ZAGO, 2008).

Desde o estabelecimento dos cursinhos populares, eles passaram não só a significar uma alternativa de escolarização para jovens marginalizados, mas também passaram a ter caráter de ação afirmativa, já que o público que o frequenta é aquele que mais precisa reivindicar uma série de políticas públicas de desenvolvimento social, além de que esses cursinhos estão inseridos dentro de uma lógica de militância política contra a força de um capital mercadológico que é o responsável por construir sistemas como o que rege o acesso ao ensino superior (WHITAKER, 2010). Isto é, considerando que há um denominado “efeito cursinho” (WHITAKER, 1989), que se refere ao fato de a maior parte dos ingressantes no sistema vestibular ser composta por candidatos que realizam cursinhos,

“...A função de um cursinho popular não pode ser simplesmente preparar para o vestibular, embora este seja realmente o objetivo proclamado. Mas é preciso considerar que se existe um efeito cursinho a beneficiar os jovens das camadas urbanas privilegiadas, ele não significa um milagroso efeito mecânico derivado da frequência do aluno às suas aulas teatrais. Muito ao contrário, ele se constitui com bases no capital cultural acumulado pelo jovem, a partir do grau de urbanização do seu município de origem e principalmente da sua classe social.” (WHITAKER, 2010, p. 295).

O curso popular Mafalda é um cursinho popular que possui um diferencial nesse sentido. Essa característica é a sua dimensão: ele atende a um público bastante grande, da ordem de mais de 800 pessoas por ano, o que exige uma gestão e uma dinâmica de funcionamento bastante complexa. Por outro lado, é de fato um cursinho popular, uma vez que deliberadamente assume, nos seus objetivos e projeto político-pedagógico, uma proposta emancipadora, que parte das ideias de educação popular aqui descritas.

Dito isso, este estágio teve como objetivo caracterizar a gestão e funcionamento geral do Curso Popular Mafalda. Além disso, ele descreve a situação da gestão que o atual cursinho passa, que é de total reestruturação da sua gestão. Este trabalho foi realizado através da observação da dinâmica da gestão do cursinho, bem como acessando os seus documentos disponíveis (regimento interno, projeto político-pedagógico, portfólio de atividades, página da internet) e conversas informais com outros membros da equipe. A metodologia também descreve a experiência do autor não só como estagiário, mas também como participante do movimento social e da gestão do cursinho desde 2014.

2. Caracterização geral da instituição

O Curso Popular Mafalda é uma instituição de ensino popular que oferece atividades

regulares desde 2013 na Universidade Cidade de São Paulo (Unicid), situada no bairro Tatuapé, no município de São Paulo. Possui cursos gratuitos nas seguintes modalidades: (1) preparatório pré-universitário; (2) ENEM para jovens e adultos; (3) idiomas (inglês, espanhol, francês e português para refugiados) e (4) preparatório pré-vestibulinho (exame de seleção para ingresso em ETECs - Escolas Técnicas do Centro Paula Souza). Segundo regimento interno do Curso (2017), ele se caracteriza como um movimento social que busca ampliar o acesso de estudantes da rede pública de ensino às universidades públicas, bem como nas privadas, na condição de bolsista. Além de cumprir o papel de um cursinho preparatório tradicional, em seu regimento interno, o Mafalda lista uma série de finalidades, que vão além da esfera utilitarista de ensino:

- "I - Capacitar o exercício da cidadania e fornecer meios de formação para a inserção e progressão nos estudos escolares e acadêmicos;
- II - Suscitar atividades que visem o estímulo ao pleno exercício da cidadania através da educação, de valorização étnico-racial e cultural;
- III - promover estudos e ações que colaborem para o desenvolvimento social e para a formação socioeducativa e cultural da população;
- IV - Promover a assistência social, a cultura, a educação, a promoção do desenvolvimento sustentável, o voluntariado e o desenvolvimento social;
- V - Constituir-se como instituição de produção, difusão e transmissão cultural e científica para a comunidade local ou regional;
- VI - Fomentar e promover atividades e ações que visem a eliminação de quaisquer preconceitos acerca de convicções políticas, religiosas, condições sociais e econômicas, nacionalidade, características étnicas, individuais, físicas, sexuais, de gênero e intelectuais." (Artigo 3º, Regimento Interno do Curso Popular Mafalda).

Atualmente, as atividades regulares, sobretudo as aulas, acontecem somente aos sábados na Unicid, no período entre 8h e 17h. No entanto, o Mafalda também conta com uma série de atividades extraclasse de interesse da comunidade, extensão ou de prestação de serviços à comunidade local ou organização de eventos de difusão cultural, científica ou tecnológica, como excursões a museus, unidades de conservação e centros históricos da região metropolitana de São Paulo. Essas atividades são organizadas fora do período de funcionamento do curso, e geralmente conta com o auxílio dos mais variados membros da equipe de voluntários.

O curso Mafalda foi fundado em 2011, mas as suas atividades já se desenvolviam desde 2008, na forma também de cursinho popular, associado a “Rede Emancipa”, uma rede formada por cursinhos populares que existe até hoje. Na época, o Mafalda tinha sede na Escola Estadual Oswaldo Catalano, na zona leste de São Paulo, funcionando sob o nome “Cursinho Popular Paulo Freire”. Ele já funcionava na mesma lógica do cursinho atual: uma gestão voluntária, autogestionada, e com os mesmos objetivos. Devido a divergências políticas e ideológicas, o curso se separou dessa rede, tornando-se uma instituição autônoma. Finalmente, em 2013, o Curso Popular Mafalda deixou sua sede na Escola Estadual Oswaldo Catalano, e se associou a

uma nova sede, na Unigid, onde lá ainda permanece.

Ainda em 2013, o Curso Mafalda associa-se a um projeto educacional e cultural da Organização da Sociedade Civil de Interesse público (OSCIP Imagem da Vida). A partir de então, começa a fornecer outros cursos além do tradicional preparatório pré-universitário: idiomas, com cursos de inglês, espanhol, francês (2013); preparatório Enem para jovens e adultos, na época visando a prova do Enem como instrumento para certificação do Ensino Médio (2013); português para refugiados e imigrantes, em parceria com a associação Caritas Arquidiocesana de São Paulo e o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refúgio (ACNUR/ONU) (2014), e curso preparatório pré-ETEC (2016). E em 2016, funda-se a Organização Não-Governamental Associação Meraki de Educação, Cultura e Cidadania, e o Mafalda ganha institucionalização oficial, pois passa a se associar a esta ONG.

Existem, no Mafalda, aproximadamente mil estudantes, sendo a grande maioria do preparatório pré-universitário. Grande parte dos estudantes do Curso Mafalda é oriunda da zona leste de São Paulo. Além disso, o curso possui alguns critérios de seleção para a oferta de vagas: apenas aqueles que fazem o ensino regular em instituições públicas de ensino, ou em instituições privadas na condição de bolsista integral podem concorrer à vaga no curso. Além disso, existe um teto de renda de 1,5 salário mínimo. O curso também conta com uma distribuição de cotas étnico-raciais, ofertando parte de suas vagas para a população negra, parda e indígena, em proporção consoante às características étnico-raciais da população brasileira (NUNES, 2011).

Com relação à permanência estudantil, a partir de 2016, uma parceria da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania e a do Desenvolvimento, Trabalho e Empreendedorismo da Prefeitura do Município de São Paulo, em conjunto com o Mafalda e outros cursinhos populares, efetivamente financiou o projeto chamado “Bolsa Cursinho”, beneficiando mais de 200 jovens (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2015). No caso do Mafalda, apenas estudantes do curso pré-universitário foram beneficiados com um auxílio financeiro. Em troca, esses estudantes, além de frequentarem assiduamente a todas as aulas, deveriam desenvolver uma proposta de intervenção social na sua comunidade, a ser apresentada em evento organizado no fim do ano. Esse projeto foi renovado no ano de 2017, cancelado, mas, após resistência da comunidade mafaldiana, o projeto voltou a funcionar até o fim do ano.

A atual sede do Curso Popular Mafalda, a Unigid, conta com ótima infraestrutura. O curso conta com salas limpas, com carteiras, ventiladores e projetores (Figura 1). Na Unigid, são utilizadas dezenas dessas salas para atender ao grande público que frequenta o curso.

3. Gestão e funcionamento do curso

Diante da complexa história do curso e seu grande público frequentador, a gestão e funcionamento do curso é complexa, envolvendo uma série de cargos administrativos. Historicamente, o Mafalda enfrentou e enfrenta alguns desafios, mas ao mesmo tempo conquistou e vem conquistando uma série de novos espaços de atuação, o que culminou na mudança da gestão e do funcionamento do curso, que está passando atualmente por um processo de reestruturação.

Dito isso, esta seção está dividida em duas subseções: a primeira mostra o quadro de gestão e funcionamento tradicional do curso, vigente até o ano de 2017. A segunda, mostra o quadro de gestão reestruturado, que está em fase final para implantação a partir de 2018.

3.1. Período entre 2013 e 2017

A gestão tradicional do Mafalda sempre se caracterizou como democrática, hierárquica e de caráter voluntário. Basicamente, conta com as seguintes funções: (a) equipe docente; (b) equipe discente; (c) equipe da secretaria.

A equipe docente é representada pelos educadores e plantonistas que lecionam os diferentes cursos oferecidos. Os educadores atuam em regime de caráter voluntário e gratuito, com uma equipe de mais de 100 educadores das diversas áreas de conhecimento. De maneira geral, são pessoas brancas, que estudaram em cursinhos preparatórios pré-vestibulares particulares, e atualmente estudantes de graduação ou pós-graduação de instituições públicas de ensino superior (com destaque para grande presença de estudantes da Universidade de São Paulo), de das mais variadas áreas de conhecimento. A Figura 2 sintetiza o organograma com as funções.



Figura 1. Alguns espaços do Curso Popular Mafalda. À esquerda, entrada da Unicid, de acesso livre a todos os estudantes aos sábados, quando há as atividades regulares do curso. À direita, foto da mesa da secretaria. Imagens: Matheus Colli Silva, 21 de outubro de 2017.

A equipe discente é representada pelos estudantes. A procura estudantil no início do ano letivo no Mafalda chega a mil candidatos, para mais de 800 vagas fornecidas nos diferentes cursos. A grande procura se centra nos cursos preparatórios pré-universitários, que conta, até a época, com dez salas. O público é sobretudo oriundo da zona leste de São Paulo, pardos ou brancos, a grande maioria entre 17 e 18 anos e estudante do último ano do ensino médio de redes públicas de ensino da cidade, com destaque para as ETECs.

Por outro lado, a equipe de funcionários é pequena. Tradicionalmente, é composta por duas ou três pessoas, elas são responsáveis por cuidar da parte administrativa e burocrática do curso, atuando na secretaria. Estas pessoas são as únicas que não atuam em regime voluntário: recebem um auxílio-financeiro, oriundo do caixa acumulado da associação. Nos últimos anos dessa gestão, a equipe também contou com uma contadora, responsável pelo gerenciamento financeiro, que também recebe um auxílio financeiro oriundo do caixa da instituição.

Aqui é importante destacar o aspecto financeiro do curso, bem como sua importância na manutenção da instituição como tal. Como nenhum dos cursos oferecidos pelo Mafalda cobram mensalidade, todos os estudantes pagam uma taxa de matrícula única, no valor de até no máximo 10% do salário mínimo, no ato da matrícula, para manutenção. Essa taxa é a fonte

de renda do curso, onde com ela consegue pagar tanto o auxílio financeiro da equipe de funcionários, como os recursos e materiais para fins didáticos ou de manutenção do curso, sobretudo aqueles oferecidos para a equipe docente utilizar em sala de aula (*e.g.*, projetores móveis, computadores portáteis, cabos adaptadores de projeção, dinheiro para realização de cópias).

Alguns membros da equipe docente ainda acabam se relacionando mais com a gestão do Mafalda, aproximando-se da militância em prol da educação popular, assumindo papéis de coordenação (ver Figura 2). Esses coordenadores são responsáveis pelos docentes, além de delinear reuniões, representarem a disciplina a qual eles estão coordenando em reuniões de coordenação e contratar novos membros voluntários.

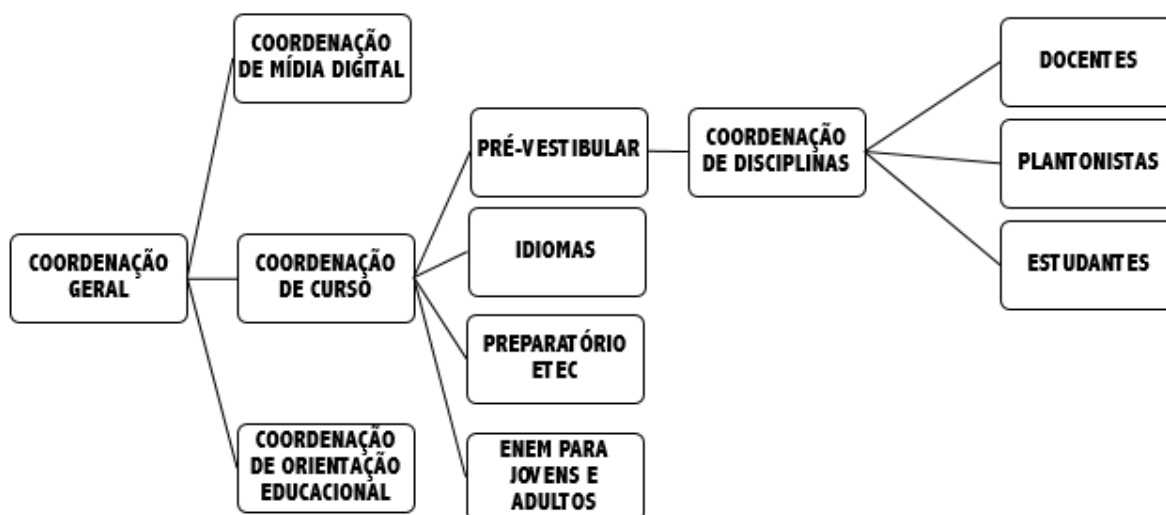


Figura 2. Organograma sintetizando as relações hierárquicas de funções/cargos tradicional, vigente até o final de 2017.

Nos últimos anos desse modelo de gestão, tornou-se hábito no Mafalda a realização de reuniões pedagógicas periódicas, com presença de estudantes, docentes e equipe funcional. Essas reuniões são o órgão máximo de deliberação da instituição; são nelas onde são decididas questões como método de entrada ou seleção nos cursos; quantidade de vagas disponíveis, avaliação da equipe docente ou discente, resolução de eventuais problemas ou questões (*e.g.* indisciplina, problemas de infraestrutura) disponibilização de novos materiais e recursos didáticos ou reformulação de um, alguns ou vários aspectos de um ou mais cursos oferecidos. Esses espaços têm caráter democrático, com falas abertas para todas as categorias igualmente, e algumas decisões, se não tomadas por consenso, são definidas em votação, onde as três categorias têm igual peso decisório.

3.2. Necessidade de mudança: reestruturação em 2018

Como explicitado no histórico da instituição, o Mafalda está passando por um intenso processo de reestruturação na sua gestão, a ser implantado a partir de 2018. A partir de 2016, mas principalmente em 2017, o Mafalda passou a participar intensamente de eventos, em diferentes níveis espaciais (locais, regionais, nacionais) que reúnem diferentes cursinhos populares para discutir questões (*e.g.* Encontro Nacional de Cursinhos Universitários Populares, ENCUP) relacionadas à educação popular, ou mesmo jornadas estudantis para reflexão sobre temas associados à educação (*e.g.* I e II Jornada de Educação Popular, JEM). Esses eventos despertaram na equipe uma necessidade de mudança, uma vez que, apesar de a gestão ser, em teoria, bem centralizada, na prática os diferentes membros não tinham papéis definidos, e muitas decisões ou questões ficavam à par da presidente para lidar.

Tendo em vista a necessidade que se enxergou de se descentralizar as funções da gestão, o Mafalda, em uma série de reuniões pedagógicas que ainda hoje estão acontecendo, reformulou o seu organograma. A síntese desse novo modelo de gestão está presente na Figura 3.

Nota-se aqui algumas mudanças: primeiro, muitos dos papéis relacionados à presidência ou coordenação geral foram descentralizados para as diferentes diretorias. Segundo: as coordenações, antes por disciplina, agora são por área, e os coordenadores não podem acumular função, *i.e.*, quem coordena não mais pode lecionar. Isso aconteceu em virtude do fato de muitos coordenadores, por também serem educadores, atuarem pouco como coordenadores e mais como educadores, e a função de coordenação ficava vaga na prática, com pouca representatividade. Isso dificultava a realização de muitos aspectos práticos do cotidiano do cursinho, como administração de professores faltantes ou representação em reuniões pedagógicas.

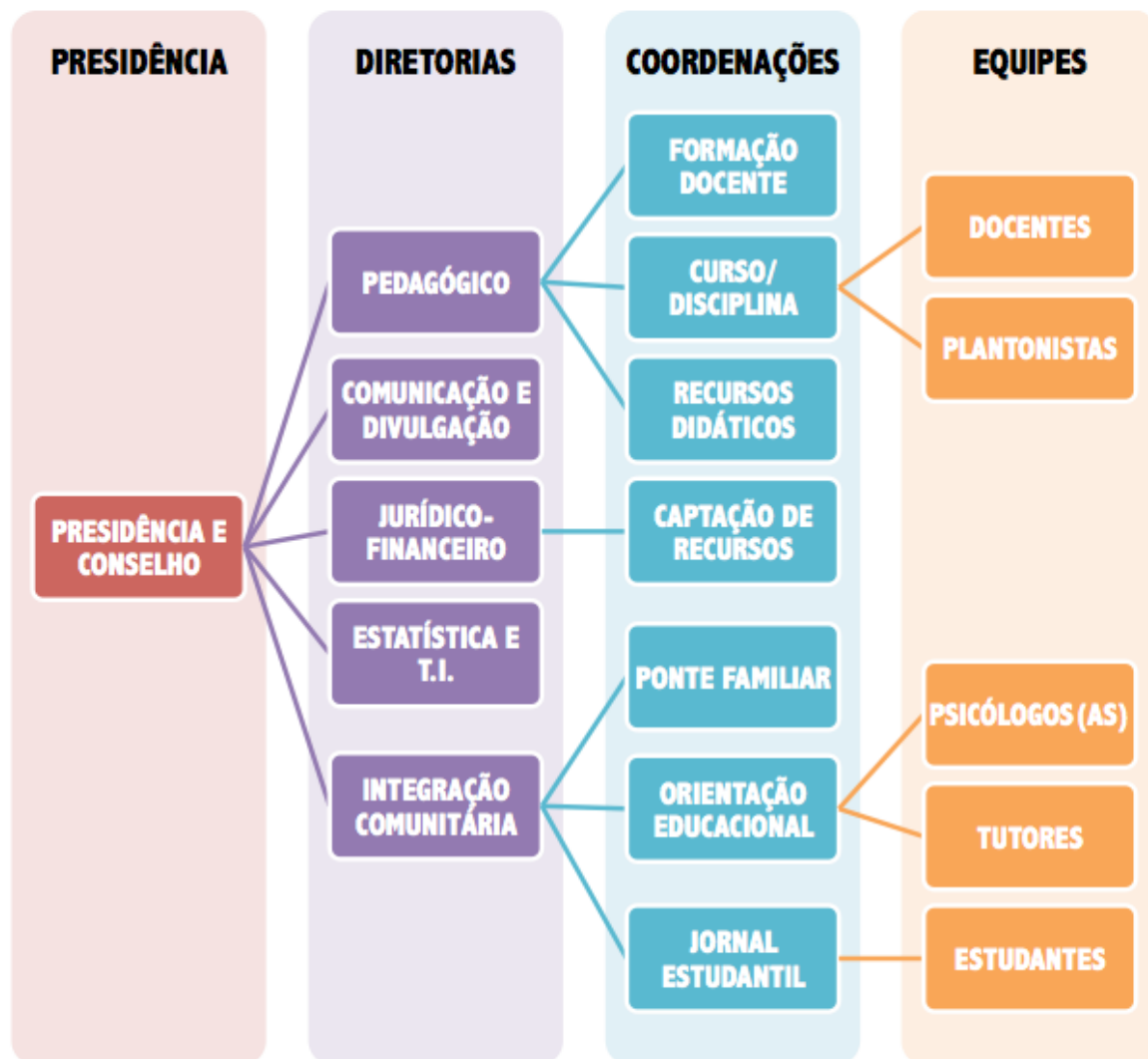


Figura 3. Novo organograma sintetizando as relações hierárquicas de funções/cargos devido à reorganização estrutural do Curso Popular Mafalda. Fonte: Equipe do Curso Popular Mafalda.

4. Conclusões e comentários finais

Os cursinhos populares em geral possuem limites, mas, ao mesmo tempo, atingem novas fronteiras com o seu desenvolvimento. Conforme discute Zago (2008):

“(…) Esses cursos vêm exercendo um papel importante na demanda e também no acesso ao ensino superior. Além disso, exercem uma função política ao denunciar a discriminação racial e desigualdades escolares e sociais. O (...) [curso] representa a oportunidade de retomada dos estudos e ao mesmo tempo um espaço de sociabilidade e formação de subjetividades, (...), particularmente quando os alunos envolvidos no projeto falam do valor simbólico que representa a continuidade dos estudos ou ainda das experiências sociais com colegas e professores do curso.” (ZAGO, 2008, p. 159)

O Mafalda passa atualmente por um processo de reestruturação que vai descentralizar os cargos e funções antes centralizados na presidência ou coordenação geral. Essa reestruturação é fruto de um processo histórico de relação que o curso tem com a comunidade, com seus voluntários e com o contexto dos demais cursinhos populares da região e com os ideais de educação popular e sua relação com o contexto sociopolítico atual.

5. Referências bibliográficas

- FREIRE, P. Educação popular no Brasil. *In: Colóquio Nacional de Educação Popular*, 1º, Passo Fundo, RS, p. 171-194, 1986.
- GADOTTI, M. A questão da educação formal/não-formal. *In: Institut International des Droits de L'enfant (IDE). Droit à l'éducation: solution à tous les problèmes ou problème sans solution?* [Conferência], 2005.
- NUNES, E. D. Características étnico-raciais da população: um estudo das categorias de cor ou raça. Rio de Janeiro: **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, 95p, 2011.
- PREFEITURA DE SÃO PAULO. Prefeitura de São Paulo lança “Bolsa Cursinho” e beneficia mais de 200 jovens. Disponível em: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/direitos_humanos/noticias/?p=201058. Acesso em 11 nov. 2017.
- WHITAKER, D. C. A. Da “invenção” do vestibular aos cursinhos populares: um desafio para a orientação profissional. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 11, n. 2, p. 289-297, 2010.
- WHITAKER, D. C. A. UNESP: diferentes perfis de candidatos para diferentes cursos: Estudo de variáveis de capital cultural. **Série Pesquisa Vunesp**, v. 2. São Paulo: Fundação Vunesp.
- ZAGO, N. Cursos pré-vestibulares populares: limites e perspectivas. **Perspectiva**, v. 26, n. 1, p. 149-174, 2008.
- ZAGO, N. Pré-vestibular popular e trabalho docente: caracterização social e mobilização. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 4, n. 8, p. 253-274, 2009.